



**A luta por  
nosso modo  
de vida:  
Fecho de  
Pasto Brejo  
Verde**

**1**



PROJETO  
CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL

**COMUNIDADE DE FECHO  
DE PASTO BREJO VERDE  
BAHIA**



PROJETO  
**CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL**

**Fascículo Nº 1 Fevereiro 2018**

**Presentes na Caminhada dos Gerais - 15/03/2016**

Antônio Santos Brito (Antônio de Abdias)  
Antônio José de Araújo (Antônio Capitão)  
Josafá Souza de Santana (Fá)  
Ronivaldo Brito dos Santos (Roni)

**Presentes na Caminhada dos Gerais - 16/03/2016**

Antônio Santos Brito (Antônio de Abdias)  
Epaminondas Moreira da Silva (Vitô)  
João Abreu e Silva (João de Tárto)  
Juscelino Santos Brito  
Raimundo Moreira de Souza (Dico)  
Arnaldo, vice-presidente da associação Fecho de Tarto  
(Naldo do Cacheiro)

**Presentes na Oficina de Mapas - 14/05/2017**

Antônio Santos Brito (Antônio de Abdias)  
Antônio José de Araújo (Capitão Tozinho)  
Beatriz Silva de Souza  
Carlos Alecrin de Araújo (Carlos de Rodão)  
Cleonici Silva de Souza (Nicinha)  
Daniela Silva de Souza  
Domício da Hora lopes (Dózinho)  
Gabriela Silva de Souza  
Josafá Souza de Santana (Fá)  
Josino de Castro e Silva (Preto)  
Juscelino Santos Brito (Juscelino de Lázaro)  
Juveni Santos Brito  
Kássia Kelly Brito de Araújo  
Kátia Brito de Araújo  
Macelio Valverde dos Santos  
Mamédio de Castro e Silva  
Manoel Ferreira dos Santos (Manoel Puxa)  
Maria Almeida da Hora (Maria de Jorge)  
Maria Helena Dias de Jesus (Lena)  
Maria Souza Oliveira (Maria de Miano)  
Martinha Hora de Souza  
Mateus Silva Barbosa (Mateus de Zú)  
Neuron dos Santos Ferreira  
Raimundo Moreira de Souza (Dico)  
Raimundo Santos de Oliveira (Raimundo de Profiro)  
Ronaldo Brito dos Santos  
Ronivaldo Brito dos Santos (Roni)  
Reinaldo Moreira de Souza (Rei de Abílio)  
Santina Almeida da Hora  
Sebastião Silva de Souza (Tião de Nicinha)  
Sivaldo Almeida da Hora  
Solange Moreira Barreto e Silva  
Valdemar Lopes Valverde



Vanderlei Moreira e Silva (Badeco)  
Vanessa Almeida da Hora Lopes  
Vanessa Moreira e Silva  
Wilson Mateus Souza de Santana (Mateus de Ví)

**Coordenação Geral do Projeto  
Conflitos Sociais e Desenvolvimento  
Sustentável no Brasil Central**

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)  
Jurandir Santos de Novaes (UFPA)  
Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)  
Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)  
Alfredo Wagner Berno de Almeida(UEA/UEMA)

**Equipe de Pesquisa**

Franklin Plessmann de Carvalho  
Mirna Silva Oliveira  
Genival Pereira de Araújo Moura  
Jakeline Honória de Souza

**Edição do mapa**

Paula Regina de Oliveira Cordeiro

**Projeto gráfico**

Philipe Teixeira

**Ficha catalográfica**

F291

Fecho de Brejo Verde na luta por nosso modo de vida – Comunidade de Fecho de pasto Brejo Verde, Bahia / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 01 (Fev. 2018) / Coordenação da pesquisa: Franklin Plessmann de Carvalho et al. – Manaus: UEA Edições, 2018.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-466-1

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais I.  
Título.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

## A importância da área e pertencimento

“ A importância desta área para gente é tudo. As nascentes todas nascem daí. Tem três nascentes aí dentro. Tem a Santana pelo outro lado de lá, daqui não vê mas ele está do outro lado. Tem esta aqui que é a Forquilha e tem o Pinchico que está aqui na frente. E tava marcado para fazer três postos artesanais nestas nascentes aqui. Já pensou uma nascente pequena com três postos artesanais. Mais de trezentas famílias que sobrevivem é das frutas, das ervas medicinais que pega, solta um gado, não é sempre, mas tem as épocas de soltar. Agora mesmo é a época do gado estar, pois é época de vedar os capins e assim tem que ser colocado nos gerais”.

*Antônio Brito (Antônio de Abdias)  
durante Caminhada nos gerais –  
16/03/2016*

“ O Brejo aqui produz a água, o buriti. O piquizeiro vem dos gerais, o cascudo vem dos gerais, a cagaita vem dos gerais, o croadim vem dos gerais, tem o puça. E nós aqui é um povo que vem de muita tradição”.

*Josafá Souza de Santana (Fá) durante  
Caminhada nos gerais – 16/03/2016*

“ E já acostumou assim, nesta tradição, dos gerais em pé”.

*Antônio de Abdias durante Caminhada  
nos gerais – 16/03/2016*

“ Nós estamos aqui fazendo uma visita no nosso território. Isso aqui é seguinte, nós precisamos disto aqui, nós somos os verdadeiros donos deste território aqui. Nós temos que visitar nossos patrimônios”.

*Juscelino Santos Brito durante  
Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ Não podemos deixar que os outros tomem conta. Eu sou João Abreu e Silva, conhecido como João de Tártaro. Faço parte da coisa aqui e represento a nossa comunidade lá do Grilo, Aparecida do Oeste. E não é de hoje, eu venho dos meus pais, meus pais dos meus avós. Eu estou com 72 anos e se meu pai, se hoje estivesse aqui, já era cento e tantos anos e ele já era daqui, já trabalhava aqui. Que eu não conheci meus avós, que trouxeram ele para cá, e isso já tem muiiitos anos. E agora eles querem que a gente abra mão e ceda que eles façam o bagaço. Mas com Deus adiante nós vamos em frente”.

*João Abreu e Silva (João de Tártaro)  
durante Caminhada nos gerais –  
17/03/2016*



“ De maneira nenhuma. Eu acho que nós é que somos os donos disto aqui porque nós nascemos e criamos aqui. Eu sinto feliz de estar aqui dentro, estando aqui eu estou protegendo a minha vida”.

*Juscelino durante Caminhada nos gerais – 16/03/2016*

“ E nem só a nossa vida, mas de todos que fazem parte da área. Não podemos abrir mão disso aqui porque pertence a nós”.

*Epaminondas Moreira da Silva (Vitô) durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ Nós estamos na altura do rio Arrojado até a Vereda do Rancho, cabeceira do Catulé, fronteira com fecho de Eldo, fecho dos Clemente, como se diz. Nós estamos fazendo este trajeto aqui e também vigiando nossa área. Uma área coletiva que nós precisamos dela todos os dias, do mato em pé, precisamos destas ervas, das árvores, raízes e frutos. E daqui a gente tira todo os alimentos, como frutas. Madeira, raiz e folha para fazer chá, o cacho do coqueiro, tudo enfim”.

*Raimundo Moreira (Dico) durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ É onde nascem as águas, no cerrado, o lençol freático que pertence a esta área aqui. Aqui é a divisa de Catulé com Galho Grande aqui. Me pertence está área de cerca aqui, que é a minha área, que é do Vitô, que é do grupo do fecho do Catulé. Que seja um gerais só, a associação é uma só. Então é uma área pela qual gente corre atrás e ninguém abre a mão disto aqui não, porque pertence a nós, nós somos filhos daqui. Além de ser filho daqui nós estamos protegendo até para estes ignorantes que estão por aí, que amanhã eles vão acordar o significado que passou aqui, que sem água ninguém vive, água é vida. E que se entrasse como eles queriam esse pessoal aqui, que se eles negociassem por aí, não ia sobrar água para onde... quando abrisse seus poços artesianos e ia fazer as propriedades deles e nós íamos ficar por aí, com a cara para riba, chupando o dedo. Mas felizmente os homens da justiça mais alta deu uma força, que a gente tomou gosto da coisa, e nos estamos aqui dentro, e nós daqui não sai não, em nome de deus aqui é nós... aqui não adianta não”.

*Vitô durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ Aqui é como se fosse uma caixa d'água que nós temos, que a chuva chove aqui em cima mas de qualquer forma recebe ela lá nas nossas nascentes”.

*Antônio de Abdias durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*





“ E sem estes campos aqui ninguém tem condições de criar uma vaca.

*João de Tártaro durante Caminhada nos gerais - 17/03/2016*

“ Para quem não conhece, esta folha aqui é uma folha que tem nos gerais que tem por nome coco do catulé. Esse coco do catulé dá um cacho com vinte, quinze, dez cocos. Assim o que acontece a gente tando no gerais e arranjando um cacho de coco desses, matou a fome. Por que se você tiver um pedaço de rapadura para comer com este coco, menino, tem um sabor que eu vou te falar. Tudo isso é motivo da gente fazer uma identificação sobre isso, porque quando eles vem destruindo, eles rancam isso pela raiz. Então nós, que somos filhos da terra e precisamos da alimentação, esses coqueiros são uma vida. Por que se um companheiro, através de sorte, perder o roteiro mas achar um cacho destes ele não morre de fome. Então a preocupação nossa é esse tipo de coisa”.

*Juscelino durante Caminhada nos gerais - 17/03/2016*

“ O pessoal tem um dizer - “Que se fulano tá na mata”. Na mata é o seguinte, o companheiro tando na mata, para sobreviver é difícil, mas agora no gerais ele não morre de fome não. Ele parte os lados do brejo ele tem um buriti, tem a água. Ele vem para o lado dos gerais tem o articun, que é o cascudo, tem o coco tucun, tem este coco catulé, tem o piqui, de tempo em tempo, mas sempre tem, tem o puça, e tem outras frutas, de qualquer forma que ele não morre de fome não”.

*Antônio de Abdias durante Caminhada nos gerais - 17/03/2016*

“ E tem outro coquinho, por nome de coquinho de raposa... tudo isso mata a fome do ser humano no mato. Além disso aí tem o puça, a mangaba, tem o croadinho, tudo é fruto comestível. Tem o caju, tem o cascudo. Tem vários frutos do cerrado que alimenta o homem. Então tudo isso é preocupação para gente, pois se eles acabarem com este tipo de fruto do campo, nada disso nós vamos ver. E nós nasceu e criou conhecendo esses frutos dos gerais. Então nós, por causa destes frutos nós enfrentamos qualquer dificuldade, para nós defendermos estes frutos da natureza. Além de tudo isso nós temos outras coisas que nos interessam no campo, como as ervas vegetais, tem o

barbatimão que é um remédio muito bom, um anti-inflamatório ótimo, o barbatimão. Tem a malvinha que é boa quando as vezes a gente come alguma coisa que não cai bem no estômago, a malvinha é muito boa. Tem o tipi, uma árvore por nome de tipi nos gerais, que é bom para resfriado. Tem outras medicinas. Tem o grão de galo, que eu esqueci de falar, que é uma fruta muito gostosa. Tem essa fruta que eu passei mostrando aí... que é a roseta... é bom para anti-inflamatório isso aí. E não é só isso aí, pois nós temos no campo que nos protege, coisa da natureza. É por isso que nós lutamos por isso aí, é para defender esse tipo de coisa, por que nós dependemos disso aí para sobreviver, nós temos que lutar mesmo, de qualquer maneira nós somos cativos destas árvores. Aquela árvore ali se chama de pau doce. É remédio bom para colesterol. Eu não estudei esta parte da medicina por que eu não tive oportunidade, mas eu como caipira da roça eu tenho os conhecimentos. Esse é o fel da terra que também é muito bom. Isso marga demais, tem um margoso... se vocês não sabem para que serve isto aqui, eu vou falar, com meus poucos conhecimentos. Um é para tirar vento dos intestinos dos companheiros e bom também para picada de cobra, por isso chama cascavel. Se por a caso a cobra picar o companheiro no campo, ranque ele, faz um chá imediato, que é bom para combater o veneno da cobra”.

*Juscelino durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*



## O Conflito

“Essas demandas de conflito de terra já tem há tempos, mas esta daqui é recente, agora assim, ano passado, que apertou mais, foi em 2014. Começou há tempos mas arrouchou mais foi em 2014. 2014, 2015, foram os conflitos mais fortes”.

*Antônio Abdias durante Caminhada nos gerais – 16/03/2016*

“No caso, a comunidade, nós, há tantos anos que os mais velhos moram. Aqui já foi passado de pai para avô, que agente sempre soltava a criaçãozinha, que agente criava nos gerais aí, porque os pastos eram pouco. Aí ficava uma temporada no pasto e outra temporada nos gerais. Sempre é assim. Já vinha dos mesmos avôs, bisavôs, e assim continuava. Aí começaram a chegar pessoas de fora, já de olho grande na nossa área. Teve pessoas que às vezes tinha um pedacinho de terra, aí venderam para outra pessoa, e desse pedacinho que eles tinham, eles produziram milhares de hectares de terra dentro da área que é da comunidade. Aí já vieram pessoas de fora,

querendo cercar o mundo e o fundo que era nosso, e abrir poço artesiano, que secava a água das nossas cabeceiras. Porque a água que agente mora aqui é pouca. Tem que preservar pra poder sempre manter. Aí agente soube que eles iam abrir um poço artesiano. E aí secar toda a nossa água”.

*Juveni Santos Brito durante oficina mapeamento grupo de mulheres – 14/05/2017*

“ Aí, até então, nós estamos sendo a minoria, pois a maioria do pessoal não está acreditando no que está acontecendo. Estão vendo o agronegócio vindo aí para acabar com tudo. A gente vem debatendo esta pequena área aqui, mas grandes áreas estão sendo combatidas. E até hoje governante tá achando que isso é brincadeira. Já ouvi alguém dizer que neste nosso oeste daqui não precisa de água, precisa de dinheiro. Aí eles estão investindo muito para o pessoal vir, para o pessoal acabar, pessoal de fora, nem brasileiro eles não são. Eles vem, desmata isso aqui, acaba com a nossa vegetação aqui. E aí quando eles não tiverem produzindo mais nada aqui eles vão embora e nós fica só, no deserto, igual aconteceu em outros lugares... Acabaram com tudo, com tudo o que é glebinha. Aqui tem essa aqui e já chegaram lá pertinho de casa, do

terreiro de casa, já chegaram colocando uns marcos, dizendo que é ordem do governo. Lá eles tem uma fazenda de 17 mil hectares. Então eles estão vindo para correr com nós, eles estão fazendo de tudo para correr com nós daqui.

*Arnaldo, vice-presidente da associação, durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ Nós consideramos que foi um grande desastre para a nascente. Foram quatro picadões, tirados de trator. E nós consideramos que as quatro picadas que eles tiraram foram um grande desastre para natureza, para as nascentes... um grande desastre

*Antônio José de Araújo (capitão Tozinho) durante Caminhada nos gerais – 16/03/2016*

“ No dizer deles, isso era deles e nós nem poderíamos entrar aí dentro, nem mesmo a passeio, no caso de pegar uma fruta, pegar uma raiz de erva medicinal, mesmo dar um passeio que muita gente gosta de passear aqui nos gerais, eles não aceitavam isso. Soltar gado lá dentro muito pior ainda. Se eles não aceitavam nem o cara a passeio quanto mais soltar o gado lá dentro.

*Antônio Abidias durante Caminhada nos gerais – 16/03/2016*





“ Mas agente estava cansado de ficar aí, e teve a hora de ter que partir pra frente pra ver se defendia. Foi aí que eles afastaram, mas sempre agente ficando perseguido. Quando eles vinham, mandados pelos grileiros, foi que todo mundo reuniu e aí estamos nessa luta. Afastaram um pouco, mas agente não tá livre ainda não. Se eles chegarem estamos todo mundo aqui de braços erguidos pra defender”.

*Juveni durante oficina mapeamento grupo de mulheres – 14/05/2017*

“ Eles falavam que não tinha morador nenhum, que o morador que tinha mais próximo da fazenda, pois eles chamavam isso aí de fazenda, para eles os gerais era fazenda, os moradores eram cinco quilômetros os mais próximos, quando daqui não dá nem 100 metros, e eles falavam que era cinco quilômetros, o morador mais próximo eles falavam que era a cinco quilômetros”.

*Antônio Abidias durante Caminhada nos gerais – 16/03/2016*

“ A gente não queria que tivesse conflito aqui nas nossas áreas, porque conflito, para o comum, traz coisas negativas... E, ao mesmo tempo, esse, pra a gente, trouxe coisas positivas. A comunidade, partindo para o conflito, foi uma defesa. Uma defesa para vida, porque ninguém vive sem água. O que levou o povo a fazer isso? Veio uma empresa e grileiros, achando que eram donos da terra e achavam que o pessoal não tinha consciência de que são terras tradicionais. Se enganaram. As pessoas usam e sabem que tem o direito de usar e de preservar. E eles, não. Acham que podem comprar de alguém, e tomar posse e fazer o



que bem quer. Mas o povo aqui tem o reconhecimento disso, e procurou pessoas capazes de orientar melhor, e foi pra luta, pra defender. Porque se não houvesse o conflito, não teria a defesa. Então foi muito bom essa organização da comunidade se reunir para fazer o conflito e a gente sim, conseguir essa vitória de preservar a água, que é a única fonte de vida que a gente tem aqui em nossa comunidade. E ajuda mais de 200 famílias... A beber, a lavar, irrigar... Então é uma riqueza, e se tivesse acontecido lá, a gente não teria essa água aqui mais não”.

*Solange Moreira Barreto e Silva  
durante oficina mapeamento grupo  
de mulheres - 14/05/2017*

“ Este é o encontro da grande picada devastadora que eles fizeram. E eu digo que a picada foi um grande crime que eles fizeram, uma picada bem no rumo da nascente da Forquilha. O

pé de Buriti tá bem tá bem ali para qualquer um ver. E aqui óh o tanto de areia que já fez das picadonas que eles abriram, tanto vem de um lado como de outro, entrando tudo aqui no sentido da cabeceira. Olha a distância que já está lá, já pegando a margem da cabeceira... Não tem nenhum aterro para evitar a areia, nada. Tem muitos quilômetros de picada vindo tudo aqui para a nascente, no sentido da nascente. Eu não sei ao certo a quantidade de quilômetros que é, mas é mais que dez quilômetros. Vem de cá e de cá e vai tudo para nascente aí. Vai matar até os paus da cabeceira. As próximas chuvas que vierem, em uma quantidade maior, de 20mm, ou de 50, vai acrescentar mais areia ainda.

*Antônio Abidias durante Caminhada  
nos gerais - 16/03/2016*



“ Nós fomos intimados três vezes no Jaborandi pelo delegado. Lá um filho de João de Jó falou que ia jogar a empresa em riba de nós e queria ver se nós guentava. Ele é um dos vendedor dos gerais.

*João de Tártaro durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ Eu lembro muito bem. É um filme que não apaga da memória da gente, quando acontece com a vida da gente. As pessoas que lutam, que fazem a defesa, pra eles é como se fossem bandidos. Chegou aqui em casa... mais ou menos quase seis horas da tarde. Como a gente não sabia o horário de intimação, essas coisas... tinha orientação das pessoas, mas agente estava aprendendo ainda, que depois das seis horas não pode mais receber nada dessas coisas. Não vou receber... E o que é que aconteceu: Eram muitos homens. Desceram em frente a casa. Ficou um em frente ao curral, como se fossem fazer um círculo, achando que o pessoal ia correr. E chegou aqui com aquele jeitão tão agressivo, que se agente falasse que a gente iria receber, acho que a gente ia ganhar paulada. O jeito deles era assustador. Então em um dia, um rapaz estava lá num bar tranquilamente... Estava só jogando alí – também fazia parte do grupo que ajudou., e eles chegaram com toda coisa e quebrou o braço do menino. Ele ficou muito tempo sem poder trabalhar. Foi uma agressão esquisita. É muito triste pra a gente sentir que eles nos tratam como se fossemos bandidos, enquanto a quadrilha mesmo, que planeja tudo isso fica de fora, fica impune. Então é ruim mesmo. É uma coisa triste. Nesse dia eu fiquei refletindo e chorei. Até comecei a escrever algo, assim... Escrevi umas três páginas no computador... relatando esse sofrimento... Essa coisa. A gente se sente desamparado diante de muita coisa. Eu comecei a escrever relatando isso, essa história, do que vinha ocorrendo, das lutas, dos conflitos. Chegava lá tinham pessoas armadas. A gente ficava preocupada. Tinham pessoas armadas, pessoas com foices, com facão... Então eram muitas pessoas. Graças a Deus, a vantagem é que quando o pessoal daqui ia pra lá era maioria, então conseguia correr com eles. Mas a gente ficava aqui imaginando que podia acontecer o pior. Mas graças a Deus nunca houve. Eu sempre pedi a meu Deus. Eu pedia. Meu Deus, meu Senhor misericordioso, ilumina esse povo, que não deixe correr sangue nessa região, pra acontecer morte de pessoas. Graças a Deus. É tão bom que isso não aconteceu. Até hoje,



né? Juvení fala: agente tá tranquilo até certo tempo, até certo momento, mas há qualquer momento eles podem, de novo, começar a cutucar a ferida. E gente fica sempre atento.

*Solange durante oficina mapeamento grupo de mulheres - 14/05/2017*



“ O delegado falou para o policial, o Lima, perguntou se aqui era Correntina ou se era Jaborandi. O Lima disse que era jaborandi, aí ele disse - “Oh ai óh...” Que dizer que nós não podíamos estar aqui pois a terra pertenceria a Jaborandi. Aí eu falei com uns dois caras, que era Gasolina e o outro: - “Vocês são de onde?” - “Somos do Rio Grande do Sul.” - aí eu disse - “Pois é delegado, eles são do Rio Grande do Sul e tem direito, e nós vivemos muitos anos lá dentro é que tem que ser retirado de lá?”.

*João de Tártaro durante Caminhada nos gerais - 17/03/2016*

## A resistência

“ Conhece comer o pequi, o buriti, é o cascudo, é o caju, entendeu. O povo aqui não conhece ainda habitar com o eucalipto, pois o desmatamento aí era para fazer um plantio de eucalipto. O povo nosso aqui ainda não aprendeu comer eucalipto, nunca bebeu água de eucalipto, por que a água vem do buriti, vem das nascentes do brejo. Então foi a decisão da associação, do povo aqui, que fez das tripas coração mas nós estamos chegando devagar. E nós vamos acabar de resolver por que nós temos mais direitos.

*Fá durante Caminhada nos gerais - 16/03/2016*

“ Incentivando as pessoas a participarem, a estarem mais engajadas nas lutas, a se interessar, agrupar, porque agente não pode ficar isolado num cantinho lá, achando que tudo vai vir com facilidade. Então a gente também tem que tá disposto, tem que estar no meio, tem que estar lutando, pra ver se consegue algo mais. Porque a gente só cresce a partir de que a gente se juntar e formar um grupo..

Onde tem um grupo organizado, as coisas se resolvem mais... A individualidade nunca consegue vencer. Só consegue quando todo mundo tá junto. Então, pensando nisso foi importante a criação também dessa Associação, que com isso alcançamos muitos objetivos na questão da defesa e a gente vem aí defendendo sempre. Até agora a gente tá satisfeito pelo resultado que temos alcançado”.

*Solange durante oficina mapeamento grupo de mulheres – 14/05/2017*

“ Agora não sei o que nós vamos fazer, nós temos que agir da maneira que a gente puder. Porque o pessoal, os maior, eles acham que nós não precisamos desta área aqui não, que esta área já deu o que tinha que dar, e que tem que por para o agronegócio trabalhar, dizem que nós não produzimos nada aqui e eles que vem para produzir. Mas produzir o que? Ele acabam com o que tem aqui, alguma coisa que eles produzem aqui eles levam para o exterior, nem aqui para nós do Brasil não fica, nós fica aqui com a ressaquinha, com o que não presta, o resto vai lá para eles criarem vaca, fazerem o que bem quer... e muitos dos nossos não estão acreditando no que está acontecendo. As vezes a gente faz uma reunião e a gente vai discutir tal coisa e não vai ninguém - “Não vou lá nada” - “Isso

não vai acontecer não” - “Os gerais não dá nada não” - “Os gerais não vai fazer secar água não” - Tá lá na beira do rio - “E quando que um rio destes vai secar? Vai secar nunca não” - Aí tá deixando esse povo a vontade. Igual esses dias mesmo, conversando com um cara, e eu fiquei triste com ele, dizendo que não vai brigar com quem tem dinheiro não - “Não adianta brigar com eles não, que eles tem dinheiro” - Aí para mim já diminuiu mais um porque quando eu vejo um falar que estamos na luta, que vamos lutar, vamos entrar juntos, vamos aumentar, a gente fica animado, mas quando a gente vê um desmoricado desse aí a gente fica triste, porque eu digo que não adianta brigar com ele por que eles tem dinheiro para fazer o que eles bem querem. Mas aqui está a prova, pois se a gente fosse olhar, o que eles fizeram aqui, nos intimidaram, o que eles puderam fazer eles fizeram para poder correr com nós daqui. Mas graças a Deus, com a força de Deus e dos amigos que uniu nós enfrentamos, boca de carreira, coisa feia mesmo que nós enfrentamos para gente poder estar aqui, tendo esta liberdade. Um ano atrás a gente não tinha esta liberdade de estar aqui dentro não. Quando chegasse daqui era barrado. Então graças a Deus nós demos o primeiro passo, e eu acredito que deste passo aqui nós vamos dar muitos passos deste aqui e seguir para frente e vencer”.

*Arnaldo durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*

“ Essas coisas começaram aqui já faz um tempo. Um senhor, um tal de Valdivino Moura começou a vender as terras para umas carvoeiras que se instalaram um tal de João Branco atingiu lá para os lados do Catulé



até a cabeceira do Lodo. Tá entendendo... três vezes sete, 21 mil ha do rio ao Ribeirão. E aí, e vai, e vai, e vai, e a turma botou o cacete e derrubou a cerca tudo, derrubou a sede de João Branco tudo, derrubou a represa de João Branco tudo, cabou com tudo. Depois disse vem outra carvoeira, que foi Nézinho, Manuel aqui da Praia, vendeu para carvoeira... esqueci o nome dela, como é que era... é Mutambeira. Era nessas cabiceiras, cabô com essas águas, Nézinho da Praia vendeu para Zé Fernandes de Sete Lagoas essa carvoeira, e nós correu com ela. E assim vem, de tombos em tombos. Agora vem esse pessoal de Jaborandi, vendeu dez mil ha, essas brigas que estão aí. E a gente vem de tombos em tombos, empurrando o trem. Não pode é deixar”.

*Nego de Abílio durante oficina mapeamento - 14/05/2017*

“ A participação da mulher é algo muito importante, porque a família não se junta só com os homens. Tem a participação da mulher, e forte... A mulher é que é praticamente a chefe da família na questão de educação dos filhos, e ela está mais presente ali na família do que mesmo os homens... Muitos dos homens saem mais para trabalhar e quem fica mais cuidando da questão da educação dos filhos, de se preocupar com aquilo ali, se vai para escola, se não vai, se vai fazer algum trabalho, se não vai. A mãe está sempre mais ali. E então, a presença da mulher é muito forte na comunidade. Então, nada mais justo do que elas também terem essa participação nas questões sociais, na questão dos movimentos... Talvez pensem que a mulher não está diretamente, mas tá!!! Porque se o esposo tá, a mulher também tá... Com certeza. Tá torcendo para que as coisas

deem certo. Quando for lá fazer alguma coisa, algum trabalho, alguma coisa, mas ela está cá resolvendo alguma coisa”.

*Solange durante oficina mapeamento grupo de mulheres – 14/05/2017*

“ Pois é, teve um dia que um dos nossos, que hoje está junto de nós, disse um dia que queria ver nós entrar aqui dentro mais, pois a prefeitura de Jaborandi com a de Correntina tinha unido, tavam ao lado dos empresários aqui e queria ver nós entrar aqui mais. Se nós cruza os braços mesmo nós estávamos do lado de fora, sem poder entrar. Mas com a força de Deus nós quebramos o trabuco deles e entramos estamos aí. Com a fé em deus foi preciso a gente enfrentar. E as vezes, com a força de Deus a gente chega lá”.

*Arnaldo durante Caminhada nos gerais – 17/03/2016*



“ Eu faço parte aqui com eles, do grupo deles aí, sou sobrinho dele aqui é faz parte do grupo também, tem meus irmãos que não estão aqui, mas faço parte tanto daqui, Catulé, como Brejo Verde e Ribeirão. A gente tá neste grupo que você está vendo. Nós estamos aqui só em dois, mas nós fazemos parte de um grupo de homens unidos, irmão, que fazem parte desta área. A gente está aí, piriquitando, correndo atrás, pedindo socorro a quem pode nos ajudar a socorrer, que por gosto de uma parte deles deles aí, nós que fazemos parte, filhos daqui não teríamos nem o direito de pisar os pés. Mas felizmente Deus não tarda para chegar na hora certa e arranjamos um pouco de apoio, lá fora dos homens. Então nós estamos aqui dentro e desta área nós não abrimos mão não, para ninguém, em nome de Deus. Eu tenho o apelido de Vitô, mas o nome mesmo de cartório é Epaminondas Moreira da Silva. Morador da fazenda Jatobá. Mora na fazenda Jatobá. E estamos aqui juntos. Somos um grupo de amigo todos unidos, somos irmãos. Nós fazemos parte desta área aqui, como lá diz o outro, Deus no céu e nós aqui na terra, que nós não vai abrir a mão pois aqui é onde nasce as coisas, nem só para gente, dos contra e a favor tudo. O lençol freático é do cerrado

e o cerrado é aqui. Serve para tudo, é um remédio, é um pau, soltar um gado uma hora que a gente estiver no sufoco, e tudo por aqui que envolve, o piqui, o cascudo, o caju, o coco... tem muita coisa aqui que envolve nós aqui... tamos aí.

*Vitô durante Caminhada nos gerais -  
17/03/2016*

“ Na verdade eles dizem que nós somos os destruidores da natureza, quando não somos...”

*João de Tártaro durante Caminhada nos gerais - 17/03/2016*

“ E hoje aqui na comunidades mesmo, eu mesmo trabalho como agente comunitária, assim como Juveni também trabalha. Além de trabalhar em casa, a gente trabalha também na comunidade, fazendo um serviço de 8 horas por dia, que não é fácil. Ter que sair de casa de manhã, e ainda tem filho na escola... Eu tenho que deixar a comida já pronta... Um monte de coisas organizadas, para quando chegar - eles já estão em casa há muito tempo - eles já ter almoçado. Então, tem que fazer muita atividade. É um trabalho, assim, cansativo, mas ao mesmo tempo gratificante, porque se a gente fica parado, parece que o dia não passa... E é bom a gente ta fazendo alguma atividade, porque a gente se sente importante. Porque quando a gente faz um trabalho na comunidade e tem algum resultado através daquilo, mesmo num trabalho que a gente recebe para isso, mas é bom estar no meio das pessoas, conversando, discutindo. Além de estar trabalhando, eu gosto de levar as questões sociais também. Eu gosto de estar falando das lutas que ocorrem aqui na comunidade. Gosto

também de tá orientando as pessoas a participarem. A se integrarem mais. Até na questão religiosa também”.

*Solange durante oficina mapeamento grupo de mulheres - 14/05/2017*

“ Meu nome é Arnaldo, sou vice presidente da associação fecho de pasto, inclusive seu João ali é o presidente e eu sou o vice. E nós estamos nesta luta, há muito tempo correndo atrás. Muita gente, igual eu falei antes, está descreditando desta área aqui. A gente convida - “Vamos fazer parte da nossa associação” - “Não, vocês estão fazendo isso é para defender o gerais, o interesse seus lá, vocês não estão para defender o território, defender o cerrado, vocês estão aí para defender é a solta de gado”. Nem tanto só por isso. Tantas coisas já foram ditas, tantas necessidades que tem esse cerrado aqui, mas tanto eu acho que é mais pela água, que se acabar com um cerrado desta aqui, provavelmente e acho que a água acaba. Vai acabando as cabeceirinhas que tem aqui, provavelmente o rio tem a diminuir. Eu achava que o pessoal, alguém que vê uma coisa destas, entenda que nós estamos fazendo isso nem só pelo interesse nosso, mas o interesse de todo mundo, de toda a comunidade. Todo o pessoal que vive, que bebe água, eu acho que deveria reconhecer e entrar na luta junto com nós. Não deixar que o pessoal que nós fomos levar... Nós levamos o nome de vandalismo, mas eu acho que vandalismo é eles que estão acabando com tudo aí, mas nós estamos trabalhando para defender isso aqui é que levamos o nome de vandalismo, que estamos fazendo vândalo na área. E nós fazendo tudo para proteger o cerrado”.

*Arnaldo durante Caminhada nos gerais - 17/03/2016*



PROJETO  
**CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida

**Associação Comunitária de Preservação Ambiental dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Brejo Verde e Catulé**

Presidente: Juscelino Santos Brito

Vice-Presidente: Antônio Santos Brito

Secretário: Raimundo Moreira de Souza

Tesoureiro: Josafá Souza de Santana

Endereço: Fazenda Brejo Verde, Correntina, Bahia, CEP:47650-000

Telefones de contato: 77 98884-7541 (Juscelino) e 77 98887-8197

**Coletivo dos Fundos e Fechos de Pasto do Oeste da Bahia**

Telefone de Contato: 77 99981-5414 (Jamilton / Carreirinha)

Apoio:

**NEA**

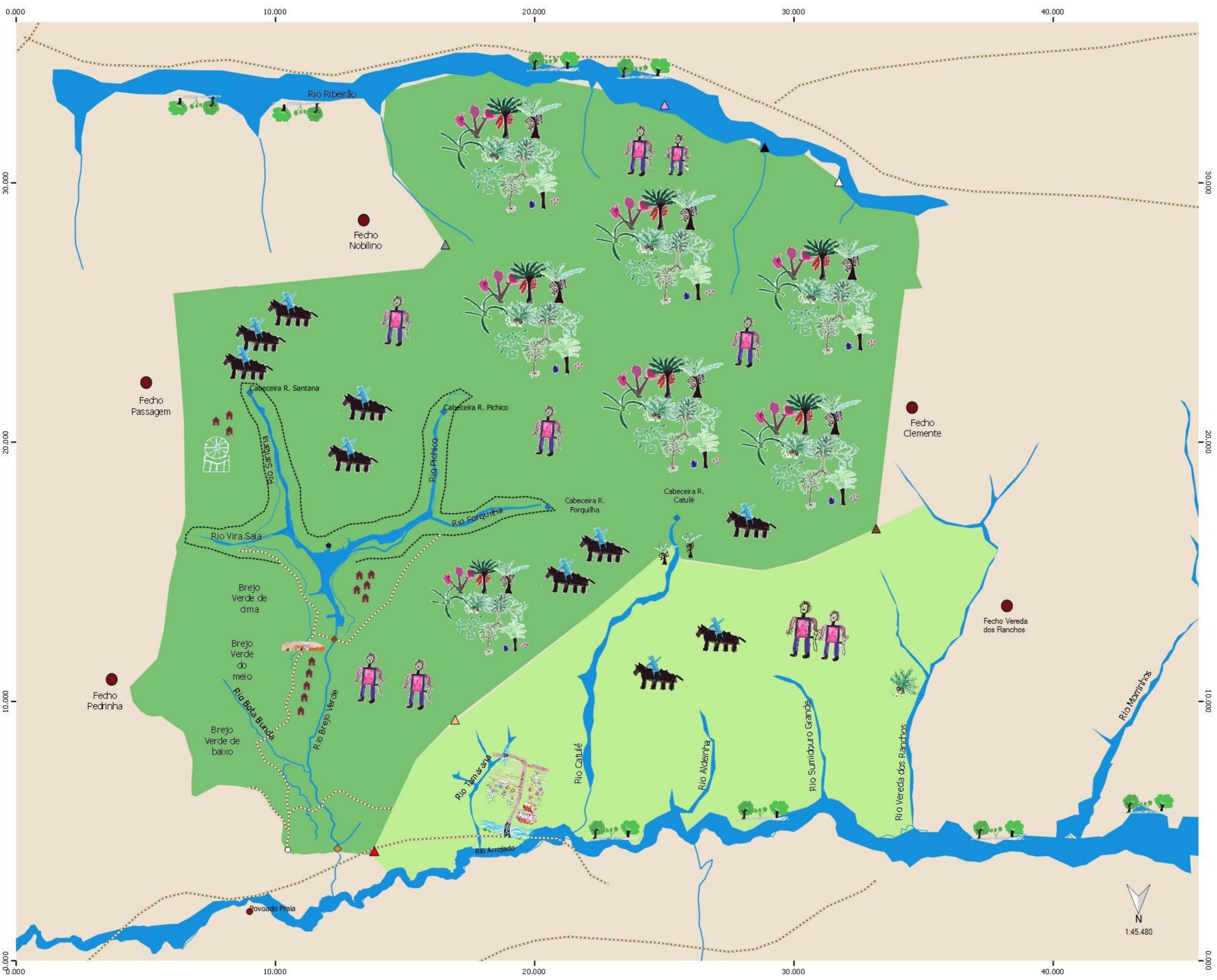
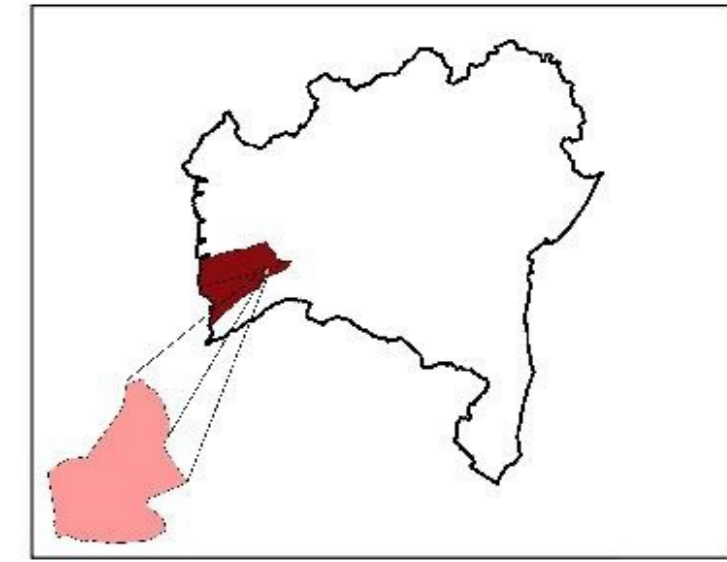
**Nova Cartografia Social**



**PNCSA**



# Nova Cartografia Social do Fecho de Pasto de Brejo Verde - Bahia



### Legenda

- Cemitério
- ◆ Ponte Izeba
- ◆ Ponte F. Brejo Verde
- ▲ Porteira João Tônico
- ▲ Mata burro F. Brejo Verde
- ▲ Porteira F. Clemente
- △ Passagem do Morais
- ▲ Rancho dos Cruzeiras
- ▲ Curral de Pedra
- ▲ Porteira Bananal Nobilino
- Entrada Fecho Brejo Verde
- Povoado Praia
- Associação F. Brejo Verde
- Núcleos Habitacionais
- Fecho do Catulé
- Vegetação do Cerrado - Gerais
- ◆ Cabeceiras
- Hidrografia
- Hidrografia
- Estradas e Rodovias
- Cerca
- Fecho Brejo Verde
- Fecho Catulé

Elaboração: Associação do Fecho Brejo Verde  
 Cartografia: Paula Regina de Oliveira Cordeiro



Fonte: IBGE, 2010. Landsat, 2013.

